

AS RESPONSABILIDADES SOCIAIS DO CRISTÃO: Uma perspectiva ética para a igreja local

David Nascimento da Silva¹

Ana Cláudia Oliveira Machado²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a relevância da compreensão com relação à responsabilidade social do cristão no contexto da igreja local, tendo como base fundamental as Sagradas Escrituras, especificamente o Antigo Testamento, os ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva. A pesquisa ressalta de que forma o cristão deve desenvolver a sua responsabilidade social. Analisou-se a responsabilidade social em três ambientes distintos: 1) Responsabilidade social em relação ao Antigo Testamento; 2) A responsabilidade social em relação aos ensinamentos de Jesus; 3) A responsabilidade social no contexto da igreja primitiva; apontou-se alguns conceitos básicos como o significado de serviço social, ação social e responsabilidade social. Apresentou-se, também, uma reflexão prática para a igreja, que visou estimular o cristão a desenvolver, voluntariamente, a sua responsabilidade social como agente propagador do Reino de Deus na sua igreja local. A pesquisa foi elaborada visando apresentar argumentos que comprovem a responsabilidade social como um dever cristão, bem como apresentar uma reflexão prática para a igreja local, expondo como a igreja pode ser uma agência tanto de transformação social quanto de vidas.

Palavras-chave: Responsabilidade social, igreja local, ação social.

Abstract: This study aims to present the relevance of understanding the Christian's social responsibility within the context of the local church, based on the Holy Scriptures, specifically the Old Testament, the teachings of Jesus, and the practices of the early church. The research highlights how Christians should develop their social responsibility. Social responsibility was analyzed in three distinct contexts: (1) Social responsibility in relation to the Old Testament; (2) Social responsibility in relation to the teachings of Jesus; (3) Social

¹ Pastor Batista, formando e Bacharel em teologia pelo Seminário Batista Equatorial, missionário radical no sul do Brasil pela junta de missões nacionais.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Santa Fé. Mestre em Teologia e Educação Comunitária com linha de concentração em Educação para Infância e Juventude pelas Faculdades EST. Especialista em Língua Portuguesa pelas Faculdades Integradas Vale do Ribeira, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade de Ciências Educacionais e Especialista em Gestão Educacional pela Universidade da Amazônia - UNAMA. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XV. Pedagoga, Professora.

responsibility in the context of the early church. Additionally, basic concepts such as the meaning of social service, social action, and social responsibility were discussed. A practical reflection for the church was also presented, aiming to encourage Christians to voluntarily develop their social responsibility as agents of God's Kingdom in their local church. The research was designed to provide arguments that support social responsibility as a Christian duty, as well as to present a practical reflection for the local church, demonstrating how the church can serve as an agent of both social transformation and spiritual renewal.

Keywords: Social responsibility, local church, social action

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de apresentar de forma sistematizada e bíblica o entendimento correto da responsabilidade social do cristão e a importância da sua aplicação ética no contexto da igreja local. Queremos mostrar de forma prática, que é possível olharmos para as questões sociais do bairro onde a igreja está inserida como uma responsabilidade do cristão tanto em sua individualidade quanto na coletividade através da igreja local. O tema surgiu, com interesse do pesquisador em compreender e propor uma aplicação bíblica que considere tanto a evangelização oral quanto a prática do social como uma responsabilidade indispensável para cada cristão no ambiente da igreja local: o evangelho em palavras e em ações.

A presente pesquisa encontra-se no campo da eclesiologia e tem como assunto específico a responsabilidade social do cristão como agente propagador do Reino de Deus. A pesquisa surge do seguinte problema: É provável que a igreja dos dias atuais não se comprometa com as dificuldades que envolvem as áreas sociais de sua comunidade por conta de uma compreensão deturpada de sua responsabilidade social. Baseamos nossa hipótese na seguinte premissa: a partir o Antigo Testamento, os ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva podemos afirmar que a responsabilidade social é um dever cristão?

Com esse objetivo, acredita-se que, um estudo aprofundado sobre as responsabilidades sociais do cristão, levará a igreja local a reaver a importância do cuidado aos menos favorecidos.

A pesquisa representa uma grande relevância no campo eclesiológico e disponibilizará, tanto aos acadêmicos de Teologia quanto à igreja e aos pastores locais, uma

compreensão da responsabilidade social à luz de teóricos e pensadores cristãos que contribuem significativamente para o conceito e aplicação correta das responsabilidades sociais no contexto da igreja local.

Quanto à abordagem do problema, a metodologia utilizada foi analítica, pois se deu através da investigação de alguns textos extraídos das Sagradas escrituras. Quanto aos objetivos da pesquisa, também se deu na forma analítica, visando investigar o problema apresentado, bem como suas hipóteses. Quanto ao procedimento técnico, realizamos uma pesquisa através de teóricos e comentaristas, assim como uma breve investigação da relação da temática com o Antigo Testamento, os ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva.

Foram utilizados vários teóricos para a elaboração da pesquisa, dos quais destacamos: Gomes (1987) e Carson (2009) nos fornecem o cenário histórico-cultural e suas implicações teológicas sobre a responsabilidade social do cristão no ambiente veterotestamentário. Rops (2008) descreve com maestria o contexto socioeconômico nos tempos de Jesus. Esse cenário nos fornece uma visão mais aprofundada das dificuldades vivenciadas tanto por Ele quanto pelos moradores da Palestina. Keener (2017) nos traz uma análise histórica e cultural da igreja primitiva, assim podemos entender como o prólogo da igreja contribuiu para uma compreensão saudável da generosidade e o cuidado com os pobres e menos favorecidos. Cirino (2012) traz uma visão prática sobre o evangelho social e os perigos de usá-lo apenas como uma ferramenta de proselitismo, visando o crescimento numérico dos membros de uma igreja local.

Trataremos sobre a responsabilidade social em três ambientes distintos: 1) Responsabilidade social em relação ao Antigo Testamento, onde abordaremos o direito de rebusca e como Deus trata os pobres e estrangeiros, exigindo que o povo também tenha o mesmo compromisso de amor e cuidado e justiça com os que estão passando necessidade. 2) Abordaremos também a responsabilidade social em relação aos ensinamentos de Jesus, 3) Na sequência, expandimos nosso conhecimento sobre as responsabilidades sociais no contexto da igreja primitiva. Apresentaremos também uma reflexão prática para a igreja local, que visa estimular o cristão a desenvolver, voluntariamente, a sua responsabilidade social como agente propagador do Reino de Deus na sua igreja local. Refletiremos sobre o papel da igreja local no bairro onde ela está inserida, apontaremos a importância da igreja estar atenta às dificuldades sociais que assolam as pessoas de dentro da igreja e do seu bairro, e desafiar a igreja a apresentar atividades que busquem transformar significativamente a realidade social dos mesmos.

2 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO CRISTÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

É profundamente perceptível que o Antigo Testamento, em vários momentos, aponta para a responsabilidade individual do homem em ser um agente de amparo aos necessitados, utilizando como ferramenta aquilo que possui em suas mãos. Carson (2009, p. 230) comenta que Levítico 19.1-37 está “entre os mais ricos conjuntos de preceitos éticos do AT, temos em mãos o contrato social de Israel”.

No texto de Levítico (19:9-10), temos a orientação divina de que os donos de terras deveriam, em sua individualidade e responsabilidade, deixar algumas espigas de sua lavoura, bem como as que caíssem no chão, e uma pequena, ainda que irrisória, parte das uvas de seus vinhedos, além das que caíssem no chão, para que os necessitados pudessem suprir sua fome.

Note que, a exigência levítica está atrelada diretamente ao que o indivíduo tinha disponível para abençoar os necessitados. Nesse caso, até mesmo um produtor rural pode ter a sua parcela de contribuição, uma vez que entenda a sua responsabilidade para com os menos favorecidos.

Carson (2009) garante:

O direito de rebusca (cf. 23.22; Dt 24.19-22) fazia parte do sistema, em Israel, de cuidado do bem-estar dos pobres (i.e., aqueles que não desfrutavam da segurança normal de uma família, e.g., viúvas e órfãos) e daqueles que não tinham nenhuma terra e, por isso, tinham de viver vendendo sua mão de obra ou suas habilidades (estrangeiros, levitas, trabalhadores contratados). Além dessa ajuda anual, tinham o benefício do dízimo trienal sobre a produção do campo, a qual era armazenada como reserva de alimento para distribuição entre os necessitados (Dt 14.28,29), e também do uso irrestrito da produção do campo no ano sabático (isto é, no sétimo ano; Ex 23.10,11) (CARSON, 2009, p. 230).

Carson (2009, p. 231) afirma que, em vez de focar nos direitos dos necessitados, o texto bíblico enfatiza a responsabilidade dos donos das terras em garantir o direito de rebusca dos pobres. Não se trata apenas de uma ação de filantropia pessoal e individual, mas de obediência a uma responsabilidade imposta aos proprietários de deixar parte de sua colheita para ser coletada pelos pobres. Isso significa que a ajuda aos necessitados seja nitidamente uma prática estabelecida e regulamentada no Antigo Testamento, e não apenas um ato de generosidade, mas um ato de responsabilidade e obediência.

Deus é nosso exemplo primário e deve reger a totalidade de nossas ações. “Ele faz justiça aos órfãos e às viúvas. Ama os estrangeiros que vivem entre vocês e lhes dá alimento e roupas.” (Deuteronômio 10:18).

Quando mergulhamos nas páginas do primeiro testamento, podemos observar que o próprio Deus, em sua infinita misericórdia e sabedoria, não só entende, como também executa a sua justiça, o seu amor e o seu amparo aos necessitados. Da mesma forma que Ele faz justiça aos órfãos e às viúvas e estende o seu amor aos estrangeiros, o Antigo Testamento nos aponta a necessidade e o desafio de entender a nossa responsabilidade, seguindo o exemplo do próprio Deus.

Carson (2009, p. 325) aponta que o pensamento de Moisés está baseado no fato irrefutável de que, como Deus, em sua soberania, ama a justiça, o seu povo deve refletir esse mesmo amor através de suas ações. Aqueles que amam a Deus serão inclinados naturalmente a agir como Ele, buscando o bem dos necessitados sem buscar nenhum interesse pessoal. Isso indica que o amor e a devoção estão diretamente atrelados à responsabilidade e ao compromisso com a justiça social.

Alice Cirino argumenta que os profetas pregavam, e a sua mensagem clamava por uma mudança de mentalidade e atitude com relação à responsabilidade social do cristão. O livro de Amós também nos traz esse relato e mostra a indignação de Deus contra aqueles que fecharam os seus olhos, corações e mentes, e se recusaram a defender os direitos dos pobres.

Dessa forma, podemos considerar até aqui que como o Antigo Testamento foi o pano de fundo que deu vida aos ensinamentos de Tiago e ele com um exímio conhecedor da lei e dos profetas reflete com excelência a responsabilidade social defendida nos textos veterotestamentários. A responsabilidade social no ambiente do primeiro testamento não pode ser entendida como uma metodologia opcional, não cabe ao cristão a opção entre ser ou não ser generoso como os pobres, o cuidado e amor pelas pessoas necessitadas não é apenas uma orientação mais uma ordem divina.

3 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO CRISTÃO NOS ENSINOS DE JESUS

Se tratando do Novo Testamento, Rops (2008, p. 174), em sua obra *A Vida Diária nos Tempos de Jesus*, ilustra com clareza o cenário de extrema pobreza vivenciado pelas pessoas na época de Jesus. A realidade dos mais humildes era marcada por grandes dificuldades, sendo frequentemente marginalizados pelos mestres da lei e líderes religiosos.

Para Rops a situação era tão desesperadora que, em alguns casos, a perda de uma dracma, como relatado na parábola da dracma perdida, representava uma perda imensurável. Por isso, a mulher, ao perceber o valor perdido, passa horas procurando até que, ao encontrá-lo, celebra com grande alegria. Rops acrescenta que “A pobreza dos judeus se tornou alvo de

zombarias nas comédias pagãs, onde eram retratados como mendigos, com apenas uma camisa para vestir e alimentando-se de alfarrobas.”

Esse cenário de pobreza extrema é o contexto no qual Jesus realiza seu ministério, e é por isso que Ele, em diversas passagens, ressalta a importância de ser generoso com os necessitados, representados pelos pobres, aleijados, mancos e cegos órfãos e viúvas.

Morris (2008, p. 219), em seu comentário sobre o livro de Lucas, destaca que o conselho de Jesus está intimamente ligado à prática de ser generoso com aqueles que não têm como retribuir. Para Jesus, não há verdadeira generosidade quando ajudamos alguém esperando algo em troca. Carson (2009, p. 1511) complementa esse ensinamento, afirmando que, com base nas palavras de Jesus, “devemos fazer o bem a quem não pode nos devolver nada e deixar toda a questão de reconhecimento e recompensa nas mãos de Deus.”

Devemos considerar que a responsabilidade social do cristão não pode ser desenvolvida como uma moeda de troca, pois o cuidado com os pobres e carentes não está associado a nenhuma recompensa terrena e humana, conseqüentemente, não podemos de forma alguma exercer a nossa generosidade com segundas intenções, seja materiais ou espirituais.

3.1 A parábola do grande banquete

Em Lucas 14,12-14, antes de contar a parábola do grande banquete, Jesus nos ensina uma lição fundamental e indispensável sobre generosidade e compaixão:

Então Jesus se voltou para o anfitrião e disse: “Quando oferecer um banquete ou jantar, não convide amigos, irmãos, parentes e vizinhos ricos. Eles poderão retribuir o convite, e essa será sua única recompensa. Em vez disso, convide os pobres, os aleijados, os mancos e os cegos. Assim, na ressurreição dos justos, você será recompensado por ter convidado aqueles que não podiam lhe retribuir”. (BIBLIA, 2017)

Morris (2008, p. 219), em seu comentário sobre o livro de Lucas, destaca que o conselho de Jesus está intimamente ligado à prática de ser generoso com aqueles que não têm como retribuir. Para Jesus, não há verdadeira generosidade quando ajudamos alguém esperando algo em troca. Carson (2009, p. 1511) complementa esse ensinamento, afirmando que, com base nas palavras de Jesus, “devemos fazer o bem a quem não pode nos devolver nada e deixar toda a questão de reconhecimento e recompensa nas mãos de Deus.”

Devemos considerar que a responsabilidade social do cristão não pode ser desenvolvida como uma moeda de troca, pois o cuidado com os pobres e carentes não está

associado a nenhuma recompensa terrena e humana, conseqüentemente, não podemos de forma alguma exercer a nossa generosidade com segundas intenções, seja materiais ou espirituais.

3.2 A parábola do bom samaritano

Sem dúvida, Jesus é o maior exemplo de altruísmo e responsabilidade social. Ao longo de seus ensinamentos e parábolas, Ele destaca frequentemente a responsabilidade dos cristãos em ajudar os menos favorecidos. Na parábola do bom samaritano, por exemplo, Jesus ilustra um homem que na sua individualidade dedicou seu tempo, recursos e dinheiro para ajudar um desconhecido, ignorado pelos religiosos.

Lessa (1965, p. 43) afirma que, poderíamos claramente olhar para a parábola do samaritano como “um manual de ação social Cristã”. Para ele, A parábola mostra a nossa responsabilidade para com o próximo; essa mesma verdade é fortemente exposta na epístola de Tiago.

A parábola critica, contundentemente, a religiosidade exacerbada do sacerdote e do levita, que estavam preocupados apenas com os seus privilégios e ritos convencionais.

Em Jericó, viviam muitas famílias de sacerdotes ricos. Os sacerdotes precisavam evitar, em especial, a impureza de um cadáver; para os FARISEUS, a impureza era contraída mesmo que a mera sombra da pessoa tocasse o morto. [...] Mas embora a regra da misericórdia tivesse precedência se o samaritano estivesse claramente vivo, o homem parecia morto (v. 30), e o sacerdote não arriscaria tornar-se impuro. Seria melhor deixar a tarefa de cuidar do samaritano para um levita ou um israelita comum. [...] As regras para os levitas não eram tão rigorosas quanto as dos sacerdotes, mas o levita também desejava evitar contrair impureza (KEENER, 2017 p. 243).

Jesus revela que o amor ao próximo é a maior motivação para a aplicação da responsabilidade social. É importante ressaltar que o samaritano não agiu apenas por um senso de dever moral, cívico ou religioso, mas por amor, que é a verdadeira fonte da justiça social. Carson (2009 p. 1502) afirma que “Jesus mostra como até mesmo um samaritano pode estar mais perto do Reino do que um judeu piedoso, mas pouco caridoso.” Para ele, mesmo que Jesus não ofereça informações sobre quem se deveria ajudar, a incapacidade de obedecer ao mandamento não está na falta de informação, mas sim na falta de amor pelo próximo.

A parábola demonstra a preocupação pela condição do próximo como um reflexo de um caráter verdadeiramente transformado. Carson aponta: “não era de um novo conhecimento

que o intérprete da lei precisava, mas de um novo coração,” ou, em um português bem claro, de verdadeira conversão.

É claramente perceptível e irrefragável que o samaritano estava determinado a ajudar aquele homem, pois ele não delegou a tarefa de prestar socorro a outra pessoa nem saiu para procurar uma instituição. Ele entendeu a sua posição de responsabilidade pessoal diante daquela situação, agindo como se aquela missão fosse inteiramente dele.

A responsabilidade social não pode ser entendida apenas como um dever de uma instituição religiosa, nem tão pouco ser negligenciado ao ponto de sermos impedidos de exercer a nossa empatia ao nosso próximo que está em uma situação de extrema necessidade.

3.3 A parábola das ovelhas e dos bodes

Um pouco antes de sua morte, na parábola das ovelhas e dos bodes, em Mateus 25, Jesus reafirma essa responsabilidade, dizendo: “Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes me ver.”

Lessa (1965, p. 23) conclui que a parábola utilizada por Jesus para ilustrar o juízo final revela verdades irrefragáveis de seu ensinamento. O ponto primordial dessa parábola está diretamente ligado à relevância da nossa atitude diante das necessidades do nosso próximo.

Para Lessa, Jesus nos confia os famintos, para que lhes demos de comer; os forasteiros, para que os acolhamos; os nus, para que os vistamos; os enfermos, para que os visitemos; os presos, para que os consolemos; e os sedentos, para que lhes ofereçamos de beber. Em outras palavras, Ele coloca em nossas mãos a responsabilidade de suprir as necessidades dos mais diversos tipos de necessitados.

A responsabilidade social é apontada para um significado ainda mais eterno, Jesus não apenas sabia as dificuldades, como também as enfrentou. Ele era humilde, o servo sofredor, não nasceu em um berço de ouro, mas sim em uma manjedoura. Jesus contemplou de perto as mazelas de uma sociedade que vivia na pobreza.

Jesus aponta a responsabilidade social não apenas a um ato feito a um desconhecido no qual não temos nenhum vínculo parental, mas devemos considerar que tudo que fazemos em benefício de suprimir a necessidade do próximo é para o próprio Cristo que estamos fazendo, em Jesus converge até mesmo as nossas ações de generosidade pelos necessitados.

Cirino e Greenwood (2012, p. 31) argumenta que, ao abordar o ministério de Jesus, “ele pregava, ensinava, curava, aconselhava, visitava, atendia às necessidades materiais,

abençoava as crianças, perdoava e era compassivo com as meretrizes. Dava status ao desprezado e amava a todos.”

Jesus entregou-se a si mesmo em um serviço abnegado pelos outros e seu serviço teve uma ampla variedade de formas segundo as necessidades dos homens. Certamente ele pregou, proclamando as boas novas do reino de Deus e ensinando sobre a vinda e a natureza do reino, como entrar nele e como este reino seria espalhado. Porém, ele serviu por meio de obras, assim como por palavras, e seria impossível, no ministério de Jesus, separar suas obras de suas palavras. Ele alimentou bocas famintas, lavou pés sujos, curou os enfermos, confortou os abatidos e até ressuscitou os mortos. (STOTT 2010, p. 28)

Jesus não apenas compreendia a responsabilidade social para com os menos favorecidos, mas também ensinava e praticava essa responsabilidade. De fato, Jesus era implacável, tanto em palavras quanto em ações, demonstrando seu compromisso com os marginalizados de maneira clara e consistente.

4 A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO CRISTÃO NA IGREJA PRIMITIVA

Indiscutivelmente, o propósito central da igreja primitiva era pregar o Cristo ressurreto, porém a igreja jamais deixou de olhar para as responsabilidades sociais que tinha para com os pobres e menos favorecidos. É claro que, embora a igreja tenha sido, inicialmente, movida pela possível volta iminente de Cristo, não podemos descartar o princípio de cuidado e amor ao próximo que a igreja primitiva experimentou.

Keener (2017, p. 386) assevera que “Lucas retrata claramente esse modo radical de forma positiva, como resultado do derramamento do Espírito Santo.” Essa prática radical evidenciava que a igreja primitiva entendia a sua responsabilidade social e dava mais valor às pessoas do que às posses de bens materiais.

O contexto econômico na igreja primitiva segue os mesmos padrões descritos no tópico anterior; as comunidades eram constituídas, em sua maioria, por pessoas pobres. Nesse sentido, Ladd aponta que,

A comunidade era, aparentemente, caracterizada por muitas pessoas pobres, especialmente viúvas, que não tinham família, e por esta razão sem meios de subsistência. O sentimento de partilhar das bênçãos da era messiânica levou a um compartilhamento real de suas posses. Nenhum homem considerava sua propriedade como sua, mas para ser usada para o bem de todos. Portanto, muitos crentes venderam suas terras e propriedades e doaram os resultados da venda para ajudar aos desfavorecidos (LADD, 2003, p. 496).

É importante frisar que, embora estejamos falando sobre responsabilidade, Ladd (2023) acrescenta que, nesse contexto, essa era uma questão totalmente voluntária. Porém, vale a pena ressaltar que houve um entendimento generalizado da importância de compartilhar tudo o que tinham. Isso significa que vender a sua propriedade para distribuir aos pobres não era por imposição, mas permanece o princípio de responsabilidade e cuidado com os que necessitavam, “pois o dinheiro resultante de tais contribuições era usado para suprir a alimentação diária em favor dos pobres” (p. 496). Essa mesma atitude de comunhão deve assumir diferentes formas de expressão em situações e contextos históricos distintos.

Keener, em uma análise histórica e cultural da igreja primitiva, afirma que: “A Bíblia ordenava o cuidado das viúvas que não tivessem outro meio de sustento, caso não pudessem contar com a ajuda de membros próximos da família. O judaísmo levava muito a sério essa responsabilidade” (KEENER, 2017, p. 397).

Isso não foi menosprezado pela igreja, e, assim, podemos perceber que a responsabilidade social estava sendo cultivada nos corações dos cristãos, não apenas por um sentimento de obrigação, mas por um entendimento coerente de que aquela atitude de responsabilidade, amor, acolhimento e cuidado com o próximo contribuiria para a erradicação da pobreza. Pois Lucas destaca que não havia entre eles nenhum necessitado.

5 FORMAS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

5.1 Serviço social

Conforme a Comissão de Lausanne para a evangelização mundial, o serviço social consiste em proporcionar amparo ao ser humano em suas necessidades através de atividades filantrópicas. Todavia, devemos entender que o serviço social como a responsabilidades do cristão não está atrelado apenas em um ato de filantropia, porém, está diretamente ligado ao entendimento correto de que todos os cristãos em sua individualidade e compreensão do cuidado de Deus com os pobres devem, voluntariamente, estar sensíveis às necessidades humanas.

Quando há intervenção através de serviços sociais, isso contribui para a redução significativa da pobreza e promove mudanças eficazes nas condições de vida de quem está sendo beneficiado. Dessa forma, todo cristão, voluntariamente, deve estar engajado em ser a extensão do amor de Deus aos menos favorecidos da sociedade.

5.2 Ação social

De acordo Shedd (2013) para muitos humanistas seculares, a justiça social significa substituir o capitalismo pelo socialismo estatal, dessa forma, seria colocado em prática uma distribuição mais justa das posses e das riquezas, para que todos possam receber conforme as suas necessidades.

No entanto, na Bíblia, a justiça social está fundamentada na relação entre Deus e a humanidade. Deus é apresentado biblicamente como o protetor dos mais fracos: “Ele defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa” (SHEDD, 2013, p. 23).

Shedd (2013) argumenta que as leis dadas por Deus a Israel, através de Moisés, tinha o objetivo de refletir essa justiça divina nas leis que regulamentavam e governavam a vida diária do povo. Dessa forma, a justiça social, dentro de uma perspectiva bíblica, vai além de apenas distribuir riquezas e bens ou até mesmo buscar uma equidade de recursos entre ricos e pobres; biblicamente, justiça social envolve criar uma sociedade que respeite a dignidade e o bem-estar de cada indivíduo, levando em consideração o exemplo do próprio Deus.

Conforme a Comissão de Lausanne para a evangelização mundial, a ação social está diretamente ligada a criar meios de eliminar as causas das necessidades humanas, buscando formas de transformar as estruturas da sociedade para buscar uma sociedade mais justa.

5.3 Responsabilidade Social

Conforme a Comissão de Lausanne para a evangelização mundial, a responsabilidade social está diretamente ligada à compreensão de quem é Deus e da sua criação, uma vez que entendemos que Deus é o criador e o juiz de todos os homens, devemos, portanto, compartilhar de seu interesse pela justiça. e subitamente, quando compreendemos o homem como criado à imagem e semelhança de Deus, devemos considerar que toda pessoa, sem distinção, deve ter o mínimo de dignidade.

Sendo assim, ao contemplarmos a justiça e o amor de Deus pelos pobres e menos afortunados, devemos exercer a nossa responsabilidade de proporcionar a eles o mínimo de dignidade possível para subsistência humana. Entende-se responsabilidade, não apenas como uma imposição sem precedentes, mas de um entendimento correto de quem é Deus e de nossa responsabilidade e dever de ajudar os pobres e menos favorecidos da sociedade.

5.4 Desigualdade Social

Segundo o boletim desigualdade nas metrópoles³, que tem como objetivo nos trazer informações sistematizadas acerca da desigualdade de rendimento no interior das regiões metropolitanas, aponta que o Brasil é reconhecido como um país desigual, pesquisas apontam que o Brasil tem a pior distribuição de rendimentos do planeta. Já a região metropolitana de Belém é a 5ª com a maior desigualdade social no Brasil.

5.5 Pobreza Econômica

A pobreza econômica, pode ser um desafio para a igreja local, pois ela afeta diretamente vários aspectos da vida como, saúde emocional quanto física e outros.

Uma pessoa que enfrenta a pobreza econômica provavelmente está diante de um cenário de pobreza involuntário, estamos falando daquelas pessoas que são profundamente afetadas pela desigualdade social, muitas dessas pessoas estão vivendo em situação de rua, e não conseguem manter as suas necessidades básicas.

Segundo o *boletins e desigualdade nas metrópoles*, aponta que cerca de 816.923 pessoas vivem em situação de pobreza Na Região Metropolitana de Belém (Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Santa Bárbara e Santa Isabel do Pará) e cerca de 197.780 pessoas vivem na extrema pobreza, ou seja, aqueles que vivem com R\$160 mensais ou menos.

5.6 Desemprego

³ Disponível em: www.observatoriodasmetropoles.net.br/wp-content/uploads/2022/08/BOLETIM_DESIGUALDADE-NAS-METROPOLES_09-1.pdf

Apesar do aumento na geração de emprego no estado do Pará divulgado pela (FAPESPA)⁴. Muitos deles são trabalhadores informais sem carteira de trabalho, o que significa que não são garantidos os direitos trabalhistas e um grande número de pessoas ainda se encontram na lista de desempregados. A falta de uma formação adequada também dificulta a vida dos desempregados.

6 UMA APLICAÇÃO BÍBLICA PARA IGREJA LOCAL

É notável que a essência do Evangelho nos desafia a considerar as dificuldades do nosso próximo, colocando em prática o amor que é ensinado em vários âmbitos das Escrituras o Antigo testamento, o ensino de Jesus e a prática da igreja primitiva apontam para a responsabilidade social como um dever Cristão que não pode ser negligenciado nem tão pouco terceirizado.

Biblicamente, temos o exemplo de Deus como base do nosso amor pelo próximo. Assim, a responsabilidade social do cristão não pode ser vista apenas como um conjunto de normas e regras, mas como um reflexo da evidência do amor de Cristo em resposta às necessidades encontradas no bairro onde a igreja está inserida.

Para (Stott 2014, p. 318-319), “o AT olha para a pobreza como um mal social involuntário que deve ser abolido, não tolerado, e mostra os pobres incluindo viúvas, órfãos e estrangeiros como pessoas a serem socorridas, não censuradas.” Para ele, a Lei de Deus sempre estabeleceu o mandamento de não fecharmos os olhos para a situação de um irmão ou uma irmã pobre, mas de sermos generosos com quem não pode se manter, por exemplo, levando-os para a nossa casa e lhes dando comida sem cobrar nada em troca.

Para Stott Jesus não era indiferente com a realidade dos pobres, ele criou um relacionamento com necessitado, ele alimentou os famintos, e não apenas isso, eles nos orientou a alimentar o faminto, vestir o que está nu, receber os que não tem teto, e visitar os doentes, assim, através dessas ações estaremos servindo o próprio Jesus Cristo.

Fica extremamente claro, a partir dessas evidências, que os escritores bíblicos viam os pobres não somente como pessoas destituídas, que precisam de alívio em relação à condição em que se encontram, mas como vítimas de injustiça social, que devem ter a sua causa defendida. A perspectiva bíblica não é de sobrevivência do mais forte, mas de proteção do mais fraco. Se o próprio Deus fala por eles e luta em seu favor, o povo de Deus também deve ser a voz dos que não podem falar e defensor dos indefesos. (STOTT, 2014).

⁴ Disponível em: www.fapespa.pa.gov.br/2023/11/30/para-e-o-maior-em-numero-de-ocupados-do-norte-aponta-boletim-da-fapespa/

Dessa forma, a igreja local deve seguir o exemplo de Cristo e buscar uma aproximação com a realidade das pessoas que enfrentam dificuldades sociais em seu bairro, a igreja local deve dar uma resposta de justiça, amor e cuidado.

6.1 O papel da igreja local com membro necessitado

Tendo em vista a compreensão de que somos responsáveis pelo cuidado do pobre e necessitado, a igreja deve adotar uma postura de amor e cuidado mediante as dificuldades sociais enfrentadas pelos membros da igreja. Se cada pastor local fizesse um censo, através da observação, ele identificaria que provavelmente uma porcentagem significativa de seus membros passam por dificuldades e precisam de auxílios básicos para a subsistência.

Para Stott (2014 p. 326) “a igreja não deveria tolerar a existência da pobreza, material em sua própria comunidade.” ele destaca que a igreja primitiva exemplificou esse princípio, pois ela assegurou a justiça aos pobres e oprimidos, suprindo-lhes as suas necessidades básicas pelo compartilhamento voluntário de seus bens, Lucas destaca que não havia necessitados entre eles.

Não podemos permitir que o nosso próprio irmão na fé passe por dificuldade, devemos apresentar uma resposta para erradicar a pobreza de dentro da nossa comunidade local.

Cirino e Greenwood (2012) apontam que quando a igreja não se compromete com as dificuldades sociais de seus próprios membros, é porque a mesma tende a olhar para as a responsabilidade social apenas como uma ferramenta de evangelismo que busca apenas a conversão de pessoas e o aumento quantitativo de seus membros, sendo assim...

O perigo de um programa de ação social que tenha como alvo principal a conversão dos não-crentes é que a igreja passa a não preocupar-se com os problemas sociais dos próprios irmãos. Já presenciei irmãos reclamando que os recursos da igreja estão sendo usados para beneficiar os incrédulos', enquanto irmãos necessitados estão sendo esquecidos, e que por isso a igreja não deve praticar ação social. Entretanto, uma ação social que não contemple as necessidades dos irmãos é fruto da visão de que ação social é uma ferramenta evangelística, pois, nesta lógica, já sendo salvos, os irmãos não precisam mais ser "fiscados". (CIRINO; GREENWOOD, 2012, p.49)

Cirino e Greenwood (2012) afirmam que é comum a igreja olhar para as questões sociais apenas como uma ferramenta de evangelismo, porém se a nossa motivação for apenas evangelística estamos fadados a sofrer frustrações:

É comum medir o sucesso de um projeto social evangelístico pelo número de pessoas que se converteram como resultado desta ação social. Membros de igrejas até reclamam do desperdício de recursos quando a ação do ministério social não resulta nestas conversões. (CIRINO; GREENWOOD, 2012, p. 49).

Gianastacio (2006) afirma que é espantoso que irmãos se coloquem em prontidão a doar para construção de templos luxuosos, mas não se atentam para as necessidades do próximo, na própria igreja local. há um gasto exorbitante para a manutenção de templos que são usados apenas algumas horas por semana.

Assim, a igreja local, como agente de transformação social deve estar atenta às necessidades de seus membros. É claro que a nossa ação não se limita apenas aos irmãos necessitados dentro da igreja, a igreja como propagadora do amor e da justiça de Deus deve também se atentar para as dificuldades das pessoas que moram no bairro onde a mesma está inserida.

6.2 O papel da igreja local com a comunidade

A igreja, enquanto corpo de Cristo, é chamada a refletir o amor de Deus, tanto por meio da proclamação do Evangelho quanto pelo serviço às necessidades sociais da comunidade. No entanto, muitas vezes a responsabilidade social do cristão é negligenciada ou tratada de forma menos prioritária. É essencial reconhecermos que a ação social e a evangelização não são realidades opostas, mas dimensões complementares da mesma missão.

Quando relacionamos a responsabilidade social como um dever cristão podemos, enfim, atribuir ao contexto da igreja local, o seu devido papel. Não podemos de forma alguma entender que a igreja local se encontra em um bairro apenas para realizar suas atividades litúrgicas, domingo após domingo, semana após semana se reunindo apenas para cumprir sua agenda religiosa. O papel da igreja vai muito além de organizar cultos para os seus membros.

Cirino e Greenwood (2012), afirmam que, no contexto urbano, podemos observar um distanciamento entre a igreja e o bairro onde está inserida. Muitos templos se tornaram meras estruturas físicas, sem conexão real com os desafios e sofrimentos da comunidade. Dessa forma, a igreja acaba isolada, invisível e pouco influente, deixando de ser um agente de transformação social.

Há igrejas que não exercem maior influência em sua comunidade pelo fato de apenas estarem no bairro, mas não serem do bairro. Em sua maioria, seus membros não moram na vizinhança do templo. Contudo, mesmo várias daqueles cujos membros residem próximo ao templo permanecem indiferentes às realidades

comunitárias, limitando sua ação cristã aos aspectos meramente organizacionais e culturais. Assim, a igreja fica fechada, calada, desconhecida e escondida no bairro. Se alguém perguntar: "Onde fica a igreja tal por aqui?", encontrará poucos que possam indicar o endereço da igreja (CIRINO; GREENWOOD, 2012, p. 27).

Uma Igreja que não se engaja com a comunidade, não consegue criar um relacionamento com as pessoas, e uma vez que entendemos, o nosso papel como sal, não podemos perder a nossa propriedade natural, Jesus deixa isso bem claro, pra que serve o sal se não for para dar sabor. Quando a igreja não faz a diferença no bairro ela deixa de ser relevante, e quando a igreja perde a sua relevância ela se torna apenas um prédio para encontros eventuais.

Cirino e Greenwood (2012) apontam que a igreja não precisa de grandes estruturas para começarem a ser agentes de transformação social. Para eles, a simplicidade e a proximidade com as necessidades reais podem se tornar grandes aliados no alcance da comunidade.

O desafio da igreja é olhar para além das quatro paredes do templo e identificar como pode ser um agente de transformação na vida das pessoas ao seu redor. Isso envolve mais do que organizar eventos; trata-se de construir relacionamentos significativos, ouvir as dores da comunidade e oferecer respostas práticas e espirituais que reflitam o amor de Deus. Cirino e Greenwood (2012), garantem que, o resultado de uma igreja que realmente se importa com a comunidade, é um crescimento natural. As igrejas experimentam um crescimento notável quando os moradores reconhecem que elas cuidam e identificam-se com eles na sua vida cotidiana.

Cirino e Greenwood (2012) afirmam, também, que o Ministério Social Cristão desempenha uma grande relevância no papel da igreja local em ser um agente de transformação na sociedade. Segundo eles, é possível que a igreja use de forma efetiva o seu prédio não apenas como um local para culto coletivo, mas, também para atender a comunidade através de atividades que busquem solucionar problemas sociais enfrentados pelo povo.

A definição do plano chamado Ministério social cristão da igreja está revelada pelo próprio nome- um ministério que se expressa em mais que um método. É um plano pelo qual a igreja local, usando o seu prédio durante os dias úteis, pode atuar eficazmente no seu bairro através de um programa de atividades variadas. [...] O ministério social cristão é o plano pelo qual a igreja não somente se torna melhor gestora do seu prédio, pelo múltiplo uso dele, mas também se faz presente na comunidade através da atuação dos seus membros em outras organizações, ações comunitárias conselhos sociais e demais instâncias relevantes, como uma demonstração prática do Evangelho e uma expor Vital de amor cristão,

preocupando-se com os problemas do povo (CIRINO; GREENWOOD, 2012. p. 27-29).

Portanto, o Ministério Social Cristão, não é apenas uma solução para atrair mais pessoas à igreja, mas um chamado para que a igreja cumpra plenamente sua missão no mundo.

6.3 O objetivo da ação social na igreja local

Para Stott (2010, p.38) naturalmente a nossa tendência é ver a igreja apenas como uma “comunidade de adoração e testemunho cuja responsabilidade para com os membros e o bairro é totalmente restrita ao testemunho evangelístico.”

Porém, se a igreja local é “enviada” a sua área como o pai enviou o filho ao mundo, sua missão de servir é mais ampla do que o evangelismo. Depois que a igreja local como um todo reconhecer e aceitar esta dimensão mais completa de sua responsabilidade, ela está pronta para outra verdade. (STOTT, 2010, p.38).

Conceber a ação social apenas como uma ferramenta evangelística traz consigo alguns riscos significativos. Primeiramente, essa visão pode transmitir uma impressão de interesse, visando apenas o crescimento numérico da igreja, dessa forma, comprometendo a autenticidade do amor cristão e evidenciando a intencionalidade deturpada da execução de uma atividade social. E como já vimos Jesus condena qualquer ação com esse intuito, onde o auxílio é condicionado a receber algo em troca seja material ou espiritual como, à conversão de novos crentes:

Porém, embora este resultado seja muito desejado, ele não deve ser visto como a única meta da ação social da igreja. Existem alguns perigos em conceituar a ação social como uma mera ferramenta evangelística; [...] O primeiro perigo em ver a ação social como uma ferramenta evangelística é que esta é uma atitude que pode parecer interesseira (CIRINO; GREENWOOD, 2012, p. 49-50)

Portanto, a ação social da igreja deve refletir uma resposta genuína às necessidades humanas, fundamentada no amor de Cristo. Cirino e Greenwood (2012) afirmam que evangelizar também pode ser um ato de transformação social, uma vida transformada pelo evangelho de Cristo, dará respostas de transformação ética e moral dentro do seu ambiente social.

Uma perspectiva diferente sobre o relacionamento entre evangelização e ação social vem quando percebemos que evangelizar pode também ser um ato de ação social. Uma vida transformada em Cristo pelo perdão dos pecados, e pela ação recriadora

do Espírito Santo pode ter um impacto social tremendo, só pela mudança efetuada na pessoa e na sua comunidade. Vemos isso na vida de Zaqueu (Lc 19.1-10). Sua conversão o levou a restituir o que tinha roubado (justiça) e a doar metade dos seus bens aos pobres (amor). Quando tais pessoas levam a ética do Reino de Deus para dentro da sua profissão e para a sua prática de cidadania, o efeito na comunidade é multiplicado ainda mais. (CIRINO; GREENWOOD, 2012, p. 52)

Embora o objetivo da ação social na igreja, não seja apenas evangelística, não podemos tirar o seu caráter evangelístico, tanto a evangelização oral quanto a transformação social devem atuar conjuntamente e não de forma separada ou que uma venha anular a outra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos argumentos que foram apresentados, entendemos responsabilidade social como um dever cristão, e não como uma ferramenta proselitista que visa apenas o crescimento numérico dos membros de uma igreja local. Notamos que tanto o Antigo Testamento, quanto os ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva apontaram para este conceito.

O desenvolvimento nos trouxe uma leitura sobre a responsabilidade social em três ambientes distintos: 1) Antigo Testamento, nos ofereceu uma percepção de que o cuidado com os menos favorecidos não era apenas uma recomendação, mas um mandato divino. O povo de Deus era instruído a refletir o caráter de justiça e amor do próprio Criador, demonstrando compaixão através de ações práticas de apoio aos necessitados. 2) Os ensinamentos de Jesus nos forneceram uma compreensão de que a nossa generosidade não pode ser exercida buscando receber alguma recompensa, mas devemos ajudar aqueles que não podem nos retribuir. A responsabilidade social na ótica messiânica não poderia ser terceirizada, mas deveria ser realizada com base no amor ao próximo. 3) A igreja primitiva possibilitou a compreensão de que a igreja não deixou de exercer a sua responsabilidade social para com os cristãos necessitados de dentro da sua comunidade. Essa atitude evidenciou uma transformação positiva provocada pela ação do Espírito Santo na vida da igreja, provou-se que o amor ao próximo está acima dos bens materiais.

Apresentamos uma reflexão prática para a igreja local, onde ficou estabelecido a aplicação da responsabilidade social como agente propagador do reino de Deus. Ficou claro que a igreja local desempenha um papel importante dentro do seu bairro quando ela passa a entender as dificuldades sociais das pessoas. Isso nos mostrou que a igreja deve dar uma resposta genuína às necessidades humanas, fundamentada no amor de Cristo.

Por meio da pesquisa podemos atribuir a relevância da compreensão da responsabilidade social como um dever cristão, e essa afirmação é testemunhada tanto no Antigo Testamento quanto nos ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva. Os argumentos até aqui apresentados revelam que todo cristão deve cumprir o seu papel social tanto de forma coletiva como de forma individual.

Concluimos, portanto, que a pergunta abordada na pesquisa a partir do Antigo Testamento, os ensinamentos de Jesus e a prática da igreja primitiva podemos afirmar que a responsabilidade social é um dever cristão? Foi respondida satisfatoriamente, comprovando a hipótese de que todo cristão deve olhar para a prática social como um dever cristão. O intuito desse trabalho não é dar uma resposta final às questões sociais como uma responsabilidade cristã, atestamos que podem surgir outras pesquisas com resultados distintos aos apresentados aqui.

REFERÊNCIAS

- BERNADO, Salvi (Org.); MORAES, Luiz Paulo de Lira (Org.). **Ação Social da Igreja de Cristo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1998.
- BÍBLIA SAGRADA. **Nova Almeida Atualizada**. São Paulo: SBB. 2017.
- CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. São Paulo: Vinde, 1988.
- CIRINO, Alice Carolina Barbosa, GREENWOOD, Mark Edward. **Ministério Social Cristão: Base bíblica da igreja e ações práticas**. Rio de Janeiro: Convicção, 2012.
- GIANASTACIO, Vanderlei. **Responsabilidade Social, Serviço e Cidadania a luz da Igreja primitiva**. São Paulo: Vida Nova, 2006.
- GONDIM, Ricardo. **Missão integral: em busca de uma identidade evangélica**. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- GUNDRY, H. Robert. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HALE, B. D. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- HORRELL, J. Scott. **Ultrapassando barreiras: Igrejas inovadoras e métodos bíblicos que brotam no Brasil**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- KENNER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.

MOO, Douglas. **Tiago**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2008.

ROPS, Henri Daniel. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, D. A.; FRANCE, R. T.; MOTYER, J. A.; WENHAM, G. J. **Comentário bíblico Nova Vida**. São Paulo: Vida Nova. 2009.

GOMES, Isaltino. **Tiago nosso contemporâneo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1997.

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NORONHA, Cejana. Teologia da Libertação: Origem e desenvolvimento. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 185–191, 2012.

PADILLA, C. René. **O que é missão integral?** Minas Gerais: Ultimato 2009.

SHEDD, Russel P. **Justiça Social e a interpretação da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

SHEDD, P. Russel; BIZERRA, F. Edmilson. **Uma exposição de Tiago**: A sabedoria de Deus. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.